REVISTA DA JORNADA DA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - CONGREGA
Congrega Urcamp 2017
ISSN: 2526-4397 1982-2960
Realização: URCAMP

UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO BIOGRÁFICA DE FERNANDO MORAIS EM *O MAGO* SOB A ÓTICA DO JORNALISMO LITERÁRIO

A STUDY ON THE BIOGRAPHICAL PRODUCTION OF FERNANDO MORAIS IN THE MAGICIAN UNDER THE OPTICS OF LITERARY JOURNALISM

Maria Julia de Medeiros Silveira Sutero[1], Cristiane Pinto Pereira[2]

RESUMO: A proposta deste trabalho é apontar traços do conceito de Jornalismo Literário em biografias escritas por jornalistas, especificamente neste caso na obra *O Mago,* de Fernando Morais. A finalidade é identificar elementos da construção biográfica que sejam comuns ao jornalismo. A pesquisa, que utilizou o método de Análise de Conteúdo a partir de Laurence Bardin, foi feita baseada na leitura da biografia citada e em suportes bibliográficos voltados para o assunto em questão. A proposta do presente trabalho culminou na confirmação da importância dos livros biográficos, em específico sobre a obra analisada, como espaço legítimo do discurso jornalístico, especialmente quando se trata do trabalho de reportagem e jornalismo literário.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário, biografia, *new journalism*

ABSTRACT: *The proposal of this paper is to show features of literary journalism's concepts in biographies written by journalists, specifically, in this case, the work "O Mago" by Fernando Morais. The goal is to identify elements of biographical construction that are common to journalism. The research was conducted based on the aforementioned biography reading and related bibliography.*
The conclusion of this work culminated in the confirmation of the importance of biographical books, in particular the analyzed book, as legitimate space of journalistic discourse, especially when it comes to reporting job and literary journalism.

KEYWORDS: *literary journalism, biography, new journalism*

INTRODUÇÃO

Atualmente grande parte da produção biográfica disponível no mercado literário é de origem jornalística. O reflexo disto é a aparente mudança na forma de se produzir e de se contar as histórias individuais, inicialmente difundidas em sua maioria por historiadores, que quase sempre tinham suas bases nas lições acadêmicas e normativas. Como estes livros contam as histórias de vida de personalidades públicas ou anônimas, que por algum motivo se tornaram interessantes, as biografias têm um apelo muito forte e um público fiel.

As biografias hoje tomam conta de uma enorme fatia no mercado de livros. Segundo dados apontados por pesquisa do Snel (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), somente no acumulado do início do ano até julho de 2017, as vendas de livros cresceram 5,47% em volume e 6,59% em faturamento e com este resultado o gênero biográfico saltou de 22,52% para 23,70% do total do mercado.

Os espaços nas livrarias já superam os de outros gêneros e alguns trabalhos foram capazes de fazer famosos alguns quantos pequenos escritores. Mais que grandes reportagens, as biografias contam a história do mundo e, baseados na escolha de um bom personagem e de uma pesquisa aprofundada, os livros costumam ser estimulantes, atrativos. E, a precisão de investigação e qualidade dos textos típicos de um jornalista, demonstra que fenômenos como o jornalismo literário vieram para ficar. Para Felipe Pena (2006), o Jornalismo Literário é uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional, que ao juntar elementos presentes em dois gêneros diferentes, os transforma em seus domínios específicos, formando assim um terceiro gênero, que da mesma forma está em metamorfose.

Então a proposta deste estudo é responder à seguinte problemática: *De que forma as biografias se utilizam do jornalismo literário para elucidar a história?* Desta forma, o objetivo geral é identificar as características deste tipo de jornalismo na obra *O Mago.* Já os objetivos específicos são: investigar em que pontos da produção biográfica a prática jornalística prevalece e estudar a história e conceitos de Jornalismo Literário e Biográfico.

A obra analisada, *O Mago*, foi escrita pelo jornalista Fernando Morais, autor que ajudou a fundar a biografia como gênero literário no Brasil, e que voltou sua verve investigativa para o personagem brasileiro que se converteu no grande mito de nossa história recente.

Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre Jornalismo Literário, biografia e *New Journalism*. E utilizamos nomes renomados nas áreas abordadas, como Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2004 e 2014), Sérgio Vilas Boas (2002), François Dosse (2009) e Alceu Amoroso Lima (1990), além de diversos artigos e outros livros.

A pesquisa é qualitativa, que segundo Bardin (2004), é caracterizada pelo fato da inferência ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual.

Também com base em Bardin (2004), foi realizada uma Análise de Conteúdo do livro *O Mago,* de Fernando Morais, principalmente por ser esta uma das técnicas mais comuns na investigação experimental realizada nas diferentes ciências humanas e sociais. Segundo Bardin (2004) a análise de conteúdo é como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e que se aplica a discursos diversificados. São três as diferentes fases da análise: a pré-análise, a exploração do material e por fim o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A escolha do tema teve base nas diversas discussões que norteiam o assunto e por sua inegável importância, visto que cada dia mais as biografias aparecem no topo das listas de livros mais vendidos no comércio brasileiro. Dentro deste panorama, e da predileção da autora pelo gênero, resolvemos investigar a contribuição do jornalista e escritor Fernando Morais em *O Mago*.

JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário, uma das bases para este estudo, é um gênero jornalístico bastante difundido no Brasil. Para Pena (2006), o conceito de Jornalismo Literário é amplo.

> Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead[1], evitar os definidores primários[2] e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

---

1 Fórmula objetiva no jornalismo de responder às principais perguntas da reportagem ainda no primeiro parágrafo.

2 Fontes que sempre falam para os jornais, tais como autoridades e especialistas famosos.

Segundo Weise (2014, p. 33) o que se entende por Jornalismo Literário é o trabalho do jornalista que consegue extrair com profundidade os diferentes ângulos de uma notícia, “captando muitas vezes informações que não chegam a ser vistos ou ouvidos por telespectadores e leitores. Por isso, o trabalho jornalístico do repórter em aprender e compreender a notícia com maior sensibilidade possível” (WEISE, 2014).

Vamos então conhecer um pouco deste gênero.

São corriqueiras nos meios acadêmicos as discussões acerca da relação entre jornalismo e literatura. Para Klück (2010) a pergunta que fica é: jornalismo afinal é uma forma de literatura? E a literatura pode influenciar o jornalismo? De acordo com Fabrício Marques (2002) o texto jornalístico possui algumas especificidades. No jornalismo, quem escreve trabalha sempre sob a pressão do deadline[3]. Para Nepomuceno, citado por Marques (2002), quando o jornalista inicia uma frase até a preocupação com a harmonia e a escolha de uso para cada palavra, nada disso está restrito apenas às regras jornalísticas.

Apesar de jornalismo e literatura sempre caminharem juntas, no século XIX, com a criação do folhetim, o gênero ficou mais evidente. “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços”. (PENA, 2006, p. 29).

Foi nesta época que os escritores começaram a trabalhar também como jornalistas, viraram editores, repórteres, criando laços mais fortes entre as duas atividades. Porém com a chegada do século XX, os jornais começaram a buscar maior objetividade, típicas do jornalismo atual (PENA, 2006).

O jornalismo busca alcançar significados para todo tipo de acontecimento, e neste caminho deixa por vezes de ser meramente informativo para alcançar maior qualidade narrativa. Para Lima (2014), o jornalismo literário almeja uma maestria narrativa. “Por isso cativa o coração e a mente de autores de talento. E de leitores que se encantam com bons textos da vida real” (LIMA, 2014, p. 10).

São diversas as definições para o Jornalismo Literário. Para o pesquisador Eduardo Rocha (apud WEISE, 2014, p. 33), o gênero é “a especialização jornalística

---

3 Limite estabelecido para a conclusão de uma atividade dentro de um cronograma. Origem da expressão deadline: durante a guerra, os americanos estabeleciam um limite além do qual não poderia ser ultrapassado. Se ultrapassado, o sentinela atiraria. Era a linha de morte.

que utiliza as técnicas e a linguagem literária para relatar os fatos”. O fato transforma-se em uma história, com cheiro, cor, sentimentos.

Para Pena (2007, p. 14), fazer jornalismo literário é potencializar os recursos que o jornalismo oferece, é “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide”.

Lima (2014) observa que sintetizando o jornalismo literário seria a forma de escrita jornalística que utiliza técnicas da literatura e que não se preocupa com a forma clássica do jornalismo para passar a informação. “São usadas por essa tendência principalmente livros-reportagens e grandes reportagens, além das biografias” (BARTZ, 2014, p. 30).

Nos anos 60 eis que surge um novo gênero, o *New Journalism*. A ideia básica do Novo Jornalismo americano, segundo as palavras de Tom Wolfe, é a de “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal ‘imprensa objetiva’” (apud PENA, 2006, p. 54). Para Wolfe, os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos (PENA, 2006).

Para Necchi (2007) há uma tendência equivocada de confundir jornalismo literário com o “novo jornalismo”, como se estes fossem sinônimos:

> Na verdade, novo jornalismo é um momento específico, uma fase do jornalismo literário verificada nos anos 1960 e ancorada, principalmente, no surgimento de obras de autores como Trumam Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe (NECCHI, 2007, p. 6).

São diversos os gêneros ligados ao jornalismo literário, e é sobre biografia que trataremos a seguir.

JORNALISMO BIOGRÁFICO

Biografia, que segundo a etmologia é um termo composto por bio (indicativo da ideia de “vida” com origem no grego bios) + grafia (que vem de grafo, elemento da composição culta, com origem no grego grapho que significa escrever), é um ramo da literatura que se dedica a descrição ou narração da vida de alguém que se notabilizou de alguma forma.

O gênero biográfico aparece para a literatura como um dos mais vendidos em todas as pesquisas especializadas. Segundo Felipe Pena (2006) a biografia é um dos diversos subgêneros do Jornalismo Literário, que trata especificamente de narrativas sobre um determinado personagem. “Ele é o fio condutor de todo o enredo. Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno da história de uma vida”. (PENA, 2006, p. 70)

Para Lejeune (apud DOSSE, 2009, p. 96) o modelo do biógrafo é a vida do biografado, “tal qual foi”. Para ex-repórteres que viraram escritores, como é o caso de Fernando Morais, o termo “tal qual foi” pode ser a meta inicial de uma biografia, mas é a riqueza com que conta-se a história que delimita por fim os fatos.

Segundo Young (apud VILAS BOAS, 2002, p. 19) “uma única biografia pode conter ideias, narrativa, desejo, personagens e validação da subjetividade da vida humana”.

Elaborar um trabalho de descrição de personalidade, de investigação minuciosa da vida privada, sobretudo de personagens de destaque tem diversas motivações, uma com toda a certeza é saciar a curiosidade dos leitores.

Conforme Dosse (2009) em geral, o biógrafo expõe os propósitos que o levaram a investigar a vida do biografado. “Revela seus objetivos, suas fontes e seu método, elaborando assim uma espécie de contrato de leitura com o leitor” (DOSSE, 2009, p. 95).

O faro investigativo, característica fundamental ao bom jornalista, é também parte essencial para o biógrafo. É em função de suas pesquisas e sensibilidade que o biógrafo justifica sua escolha e enfatiza os argumentos que ensejarão maior proximidade com o personagem escolhido (DOSSE, 2009).

> Definida como relato no qual o narrador se ausenta da história que conta (heterodiegética), ao contrário da autobiografia (autodiegética), a biografia não é, porém, escrita a partir de uma exterioridade total. Por isso, a biografia clássica aparece na terceira pessoa do singular: o autor também é narrador, se distingue da figura biografada (DOSSE, 2009, p. 96).

ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA COMUNS AO JORNALISMO

Para elucidar os traços do Jornalismo Literário nas obras biográficas utilizou-se o livro *O Mago*, de Fernando Morais (2008), que conta a trajetória do maior

escritor - em números de vendagem - da história do Brasil, mesmo sendo um dos mais criticados deles.

Fernando Morais, mineiro de Mariana, é jornalista desde 1961. Reconhecidamente um jornalista dedicado as grandes reportagens. Em 1976, com o lançamento de seu primeiro livro, *A Ilha*, que é o relato de uma viagem a Cuba, abandonou a rotina de redações e passou a se dedicar com exclusividade à literatura.

O jornalista que iniciou a carreira como *office-boy* e, por uma ausência do único jornalista na redação de uma revista em Belo Horizonte virou repórter, avalia sua trajetória com bom humor, “dormi boy e acordei repórter” (PENA, 2006, p. 96). Talvez essa tenha sido a motivação para Morais ter se tornado um dos mais admirados biógrafos brasileiros:

> No fundo, faço o que todo jornalista gostaria de fazer no cotidiano nas redações. Apurar com exaustão o assunto, dispor de tempo para escrever da melhor maneira possível, e dispor de espaço para publicar. Isso é uma ilusão, uma utopia, porque no jornalismo cotidiano você não dispõe nem de tempo para pesquisar com profundidade e nem de espaço para publicar. Hoje em dia, mesmo nos grandes jornais, matérias de mais de 80 linhas têm que ser autorizadas pessoalmente pelo dono do jornal (MORAIS, 2012).

Foi autor de *A Ilha, Olga, Chatô, o Rei do Brasil, Cem quilos de ouro, Corações Sujos* (vencedor do Prêmio Jabuti4 – Livro do ano de 2001)*, Toca dos Leões, Montenegro, O Mago e finalmente Os últimos soldados da Guerra Fria.*

A OBRA *O MAGO*

A obra *O Mago* é a biografia de um personagem que é uma incógnita. Mesmo depois de ler as 632 páginas do livro escrito por Fernando Morais, ficarão incompreendidas algumas atitudes do maior recordista de vendas de livros no mundo.

O escritor Paulo Coelho é considerado um dos principais autores do planeta, seus livros já alcançaram a marca de 100 milhões de exemplares vendidos e é este o perfil que aparece no primeiro capítulo do livro escrito por Morais.

---

4 O Prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil. Lançado em 1959, foi idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidia a Câmara Brasileira do Livro.

O principal enfoque desta biografia é a obstinação de um jovem que desde muito cedo queria se tornar escritor – a ponto de ter se empenhado mais na construção da imagem de um ser iluminado do que na produção de sua obra. Paulo sempre foi mau aluno, mas ganhou um concurso literário e isso o motivou, pois achava que este era seu dom.

Duas partes do livro revelam momentos que marcaram para sempre a vida do personagem, a primeira corresponde à omissão de socorro após atropelar um garoto. A segunda de ter se calado quando sua namorada implorava que ele a reconhecesse diante de torturadores do Regime Militar.

O livro ainda conta sobre as experiências homossexuais na juventude e os plágios ao longo da carreira, inclusive de um autor muito reconhecido no país, Carlos Heitor Cony, quando Coelho assinou fraudulentamente o texto para um jornal de Aracaju.

ANÁLISE DO LIVRO *O MAGO*

A história de Paulo Coelho é uma grande reportagem com uma forte narrativa, onde de imediato já se encontram traços fortes das linguagens jornalísticas e literária. Para a construção da obra, Morais utilizou muitos recursos do *New Journalism*, onde o foco narrativo era alterado por diversos momentos mesmo sem perder o ritmo cronológico. De acordo com Pereira (apud COIMBRA, 1993), a reportagem narrativa tem como característica fundamental fazer uma contenção dos fatos organizados, mostrando as mudanças de estado progressivas nas pessoas envolvidas na história e também nas coisas.

O texto narrativo é facilmente identificado por suas características, e três elementos podem ajudar nisto: a situação, a intensidade e o ambiente (PEREIRA apud LIMA, 1995). E de acordo com algumas das normas do Jornalismo Literário, a fuga do lead aparece, já que ao invés de responder às questões básicas (que, quem, onde, como e porque) logo no primeiro parágrafo, as respostas vêm ao longo do texto. No trabalho de Morais, em *O Mago,* a busca durante a cronologia, é a realização do sonho do biografado em se tornar escritor, que aparece em diversos momentos da trama:

> São aparentemente dessa época, quando tinha entre treze e catorze anos, os primeiros sintomas de uma irreprimível ideia fixa, uma

> verdadeira obsessão que não o abandonaria jamais: ser escritor. Quase meio século depois, consagrado como um dos autores mais lidos em todos os tempos, ele revelaria, em um parágrafo de seu livro *O Zahir,* as razões que o levaram àquele sonho:
> Escrevo porque quando era adolescente não sabia jogar bem futebol, não tinha carro, não tinha uma boa mesada, não tinha músculos. Tampouco usava roupas da moda. As meninas da minha turma só se interessavam por isso, e não conseguia que prestassem atenção em mim. À noite, quando meus amigos estavam com suas namoradas, eu passei a usar meu tempo livre para criar um mundo onde pudesse ser feliz: meus companheiros eram os escritores e seus livros (MORAIS, 2008, p.100).

Outro elemento fortemente literário que aparece no texto analisado é a importância emocional que o escritor dá aos fatos. Fernando Morais aplica ao seu trabalho, uma dramaticidade típica das mais importantes obras da literatura. Por exemplo, na descrição do momento em que Coelho retorna ao manicômio pela segunda vez:

> Tomado de fúria, encheu as mãos de pedras e passou a quebrar, uma por uma, todas as vidraças de portas e janelas na fachada da casa. Acordados pela barulheira, os pais pretendiam medir forças com ele, mas temendo que a vizinhança chamasse a polícia, Pedro Coelho desceu e abriu a porta para o filho. Deixando transparecer – ou, como se dizia na época, "dando bandeira" – que havia bebido além da conta, Paulo atravessou a sala cheia de cacos de vidro e subiu as escadas sem ouvir uma só palavra do pai.
> Naquela noite dormiu logo, mas teve um pesadelo horrível. Sonhou que havia um médico sentado na beira da cama, medindo sua pressão, sob as vistas de dois enfermeiros que seguravam uma camisa de força na porta do quarto. Só então, atordoado, percebeu que não se tratava de um sonho. O pai chamara o pronto-socorro para interná-lo de novo. Desta vez, à força (MORAIS, 2008, p. 161).

Pereira (2006) comenta que apesar das críticas, a grande maioria dos biógrafos acaba por organizar seus trabalhos seguindo uma ordem cronológica de seus personagens. Morais não é diferente, porém utiliza de recursos diversos para fechar a história. No caso da biografia de Paulo Coelho, Morais inicia a trajetória do ponto atual da vida do escritor, para no segundo capítulo começar a desvendar a história de vida do "mago". E ali, começa-se a perceber um aproveitamento de versões e de hipóteses sobre determinados acontecimentos em sua trajetória.

Com a voz narrativa, essencial para dar a obra um caráter jornalístico literal, o autor acrescenta à biografia suas próprias versões para o que possa ter acontecido ao longo da vida do personagem. O que seria uma espécie de posicionamento

diante dos fatos. Klück (2010) expõe que o conceito de Jornalismo Literário propõe que a subjetividade do repórter/escritor expressa um grande aprofundamento narrativo, que acaba por contrapor a ideia de neutralidade na escrita do texto.

No caso de *O Mago,* Fernando Morais parece não se prender a esta neutralidade. Sua participação é ativa na trama, revela-se crítico e se posiciona na história por diversas vezes, o que é bem presente nesta passagem do livro:

> Paulo encerrou o episódio certo de que tinha passado a perna no Diabo, mas sua esperteza não perdia por esperar. Enquanto o encontro dos dois não acontecia, insistia em invocar o espírito do Mal nas reportagens e artigos escritos para a Poma e em uma nova empreitada em que se metera, os roteiros de histórias em quadrinhos (MORAIS, 2008, p. 294).

A descrição acima é parte do capítulo 14, intitulado “Como prova de boa-fé, Paulo promete ao Demônio não pronunciar nomes de santos nem rezar por seis meses”, que narra sua primeira tentativa em fazer um pacto com o Diabo. Em todos os fragmentos do texto, seja neste capítulo ou em outros, que falam de sua ligação satânica, o autor explicita a dramaticidade, outra característica do jornalismo literário:

> Ao abaixar-se para amarrar os tênis, teve a impressão de que o chão de tacos de madeira se inclinava para cima, aproximando-se perigosamente de seu rosto. Eram suas pernas que haviam bambeado inesperadamente, como se ele tivesse sido acometido de uma vertigem muito forte, inclinando o peito para a frente. Quando se estatelou no chão. Com a intensificação da vertigem, tentou lembrar se havia comido algo estranho, mas não, não havia sido nada assim: na verdade, não sentia náuseas nem vontade de vomitar, apenas era chacoalhado por uma voragem que aprecia tomar conta de tudo à sua volta. Junto com os surtos de tontura, que iam e vinham, percebeu que o apartamento estava tomado por uma bruma escura. Por um instante implorou que estivesse vivendo o momento mais temido pelos usuários de drogas – um bad trip, a viagem às vezes sem volta provocada pelo consumo de LSD (MORAIS, 2008, p. 319).

A voz narrativa nesta biografia aparece em características fortemente definidas pelo autor, um dos norteadores do jornalismo literário. A visão própria do autor, que parece querer revelar uma voz própria a respeito de todos os fatos.

Essa nova forma de se escrever uma biografia quer suprir a necessidade da sociedade contemporânea, que há tempos perdeu referenciais ideológicos. Mas é importante, que se diferencie o gênero de narrativas afins, como histórias de vida e

perfis. De acordo com Klück (2010) acaba por acontecer uma confusão de conceitos, porque as três narrativas – biografia, histórias de vida e perfis – apresentam aspectos biográficos. Porém, nem tudo que é biográfico é necessariamente um texto de biografia. Como não existe uma fórmula para a produção da biografia, ela acaba por ser uma composição super detalhada de vários textos biográficos (facetas, episódios, convivas, pertences, legados, o feito, o não-feito, etc.) (KLÜCK apud VILAS BOAS, 2008).

O livro *O Mago* de Fernando Morais é um grande exemplo disto, já que Paulo Coelho passou a vida inteira escrevendo diários e recebendo críticas em jornais, só daí já seria suficiente um texto biográfico. O capítulo 2 é o início real da biografia, onde Morais utiliza os poucos mandamentos existentes na produção do gênero:

> Paulo Coelho de Souza nasceu em uma chuvosa madrugada de 24 de agosto de 1947, dia de São Bartolomeu, na Casa de Saúde São José, no Humaitá, bairro de classe média do Rio de Janeiro, Brasil. Nasceu morto. Os médicos previam dificuldades naquele parto, o primeiro da jovem dona de casa Lygia Araripe Coelho de Souza, de 23 anos, casada com o engenheiro Pedro Queima Coelho de Souza, de 33 anos. O bebê seria não apenas o primogênito do casal, mas também o primeiro neto dos quatro avós e o primeiro sobrinho de tias e tios de ambos os lados. Os exames iniciais apontavam um risco considerável: a criança parecia ter ingerido uma mistura fatal de mecônio – ou seja, suas próprias fezes – com líquido amniótico (MORAIS, 2008, p. 63).

Algumas vezes, jornalistas-biógrafos utilizam inclusive dos mesmos recursos narrativos: o *flashback*, por exemplo. Em entrevista ao projeto *Um Escritor na Biblioteca*, Morais afirmou que não se sente atraído pela rigidez da estrutura cronológica, ditando que fulano nasceu assim, viveu assim, morreu assado. E acaba por admitir que o recurso do flashback pode dar mais vida ao texto (MORAIS, 2014).

No livro analisado também é visível ver a dedicação ao trabalho de descrição de cena, que segue o pensamento de Lima (2014), quando ele diz que este recurso é muito utilizado no jornalismo literário para fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata. O trecho a seguir exemplifica esta técnica:

> Exatamente à meia-noite e cinco minutos, ao puxá-lo para fora, o que era realizado com movimentos rotatórios do instrumento, o médico deve ter ouvido um ligeiro ruído, semelhante ao estalo de um lápis que se quebra: era a delicada clavícula do bebê, que não resistira à pressão de uma das hastes do fórceps. Mas não tinha por que

> lamentar o acidente: o bebê, um menino, estava morto, aparentemente asfixiado pelo líquido que o protegera durante nove meses no corpo da mãe (MORAIS, 2008, p. 63).

Morais (2008, p. 145) também costuma rechear seus livros de diálogos, e, em *O Mago,* não foi diferente:

> - Dona Ondina, eu sou a pessoa que escreveu a reportagem sobre a Congregação Mariana e vim esclarecer...
> Interrompido no meio da fala, nem pôde terminar a frase:
> - Você está despedido.
> Surpreso, ainda tentou argumentar:
> - Mas dona Ondina, eu estou para ser efetivado no jornal...
> Sem tirar os olhos do papel ela repetiu:
> - Você está despedido. Pode se retirar, por favor.
> Paulo saiu de lá lamentando sua ingenuidade
> (MORAIS, 2008, p. 145).

Este pode ser considerado um recurso estilístico, já que embora esteja baseado em algumas informações, não aparece em nenhum registro da forma como foi apresentado. É um exemplo de texto ficcional, o que vai ao encontro da ideia defendida por Pena (2006), que não acredita que de alguma forma seja possível escrever biografias apenas como um relato cronológico de acontecimentos, que mostrem os significados e a direção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferente de algumas outras obras de Morais, *O Mago* parece ser a mais completa obra biográfica de sua história, principalmente devido ao fato de que Paulo Coelho escreveu diários durante toda a sua vida e, sempre fez muitas anotações, além é claro de ter sido sempre muito noticiado, suportes que deram à obra, um caráter fortemente revelador da vida de Coelho. A factualidade do trabalho de Fernando Morais foi tanta, que após a publicação do livro, Paulo Coelho chegou a ficar sem falar com o escritor por algum tempo, de tão chocado que ficara com tantas revelações. Em entrevista ao projeto *Um Escritor na Biblioteca*, Morais (2014) afirmou que Paulo Coelho lhe mandou um bilhete frio, cumprimentando pelo profissionalismo e pela honestidade do trabalho, e pediu de volta os arquivos dele, que iria queimá-los.

A proposta deste trabalho foi mostrar os traços do Jornalismo Literário contidos na obra biográfica escrita pelo brilhante Fernando Morais, em *O Mago*. Na análise, podemos verificar algumas destas características apontadas pelos autores

que abordam esta área, como: foco narrativo, a fuga do lead, dramaticidade, descrição de cenas, utilização do recurso flashback e diálogos. Além disto, o trabalho é uma pequena análise que revela características da realização do livro de Morais, onde são marcantes os métodos de pesquisa utilizados – documental e entrevista – exatamente como se faz no jornalismo.

O processo biográfico, utilizando os recursos jornalísticos, ganha importante expressão porque a realidade da comunicação tem mudado muito através do mundo globalizado, das redes de difusão da informação e do saber pulverizado. Assim, hoje é possível também, contar com recursos diversos para chegar às fontes e às informações sobre o personagem a ser biografado.

Além disso, em relação às discussões do jornalismo literário, podemos destacar o quanto complexa é a obra de Fernando Morais, e o quanto ela pode ser referência para exemplificar a forte influência do gênero às biografias, que acabam por se tornar subgêneros deste.

O que não dá para esquecer, é que escrever uma biografia realmente não é para qualquer um. Ser um biógrafo, independente de ser historiador ou jornalista, requisita que se tenham cuidados extremos não só com a palavra escrita, mas com a pessoa sobre a qual se escreve. Sendo verdadeiro, sempre.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: edições 70, 2004.

BARTZ, Rodrigo. **Jornalismo e Literatura:** As complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 2014.

DOSSE, François. **O desafio biográfico** – Escrever uma vida. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

KLÜCK, Leonardo Drews. **Biografia e Jornalismo Literário** – Uma análise da produção biográfica de Ruy Castro em O Anjo Pornográfico. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 69 pág. Monografia de conclusão, apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** Com-Arte, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

______________________ **Páginas ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Universidade de Sorocaba – Rede de Avaliação Institucional de Educação Superior, 2009.

MARQUES, Fabrício. **Literatura e jornalismo:** convergências, divergências. **Temas: ensaios de comunicação**. V. 1, n. 1, p. 15-17, 2002.

MORAIS, Fernando. **O Mago**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

NECCHI, Vítor. **A (im) pertinência da denominação "jornalismo literário". Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 99-109, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. **A biografia no âmbito do jornalismo literário** – Análise comparativa das biografias Olga, de Fernando Morais e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffly. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007. 97 pág. Monografia de conclusão de curso, Faculdade de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & Biógrafos** – Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

____________________ **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WEISE, Angélica. **Jornalismo Literário:** Uma análise das reportagens de José Hamilton Ribeiro publicadas na Revista Realidade. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.